

O AMBIENTE ESCOLAR: UMA VISÃO DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SEXUALIDADE.

Vanessa Coelho Barbosa
Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande.

Hosana Suelen Justino Rodrigues
Mestranda de Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande.

RESUMO

Entre tantos tabus da nossa sociedade falar, pensar e sentir a sexualidade é um dos maiores que existe em nosso convívio. Fatos como repressão, medo e vergonha impedem muitas pessoas de viverem melhor e de entenderem a própria sexualidade. Este fato não se restringe somente ao ato sexual, seja ele como for. A sexualidade é toda forma de sentir, atuar e se relacionar de uma pessoa. Além de ser constantemente manipulável pela religião, economia e política, a fim de conseguirem reproduzir os padrões sociais vigentes. Neste sentido, temos por objetivo, neste trabalho, discutir como a sexualidade humana se forma dentro dos contextos sociais em que os indivíduos participam. Enfatizando como a família e o ambiente escolar colaboram para que a sexualidade do indivíduo seja construída, de forma a reprimida ou não. Existem autores que se utilizam da biologia para explicar as diferenças de gênero. Outros, por conseguinte, como os da perspectiva do construcionismo social afirmam que existe uma diferenciação entre sexo biológico e gênero social. Fundamentamo-nos nesta última corrente para abordar o tema em questão.

Palavras chave: Sexualidade, Escola, Tabu, Mídia e Sociedade.

O AMBIENTE ESCOLAR: UMA VISÃO DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SEXUALIDADE.

Falar pensar e sentir a sexualidade ainda são um tabu para muitos indivíduos. A repressão, o medo, a vergonha impedem muitas pessoas de viverem melhor e de entenderem a sua sexualidade. Esta não se reduz apenas ao ato sexual seja ele como for. Como afirma a sexóloga GILDA FUCS (1998)

“A sexualidade é uma necessidade básica do ser humano. É inerente a todas as pessoas independentemente de cor, raça, sexo e nível intelectual ou socioeconômico. É uma dádiva da natureza, uma força motriz tão forte que já é perceptível na formação do ser humano desde as primeiras células, e isso não há mais contestação de que a vida intra-uterina revela manifestações da sexualidade.” (1998:10)

Mas a sexualidade não é somente o ato sexual, é toda forma de sentir, atuar e se relacionar de uma pessoa. Por isto que ela é tão importante para as pessoas. E constantemente manipuláveis pela religião, economia e política, para conseguirem o que desejam.

É importante antes de prosseguirmos com esta discussão elencar uma diferença entre dois termos. Quando se referirmos a “sexo” estaremos tratando de diferenças sexuais fisiológicas e biológicas do homem e da mulher. Por outro lado, a palavra “gênero” é utilizada para designar as diferenças psicológicas, sociais e culturais de cada indivíduo. Para GIDDENS (2007) o gênero tem implicações diretas no sexo biológico do indivíduo, ele é o resultado das construções sociais que envolvem homens e mulheres e produz a masculinidade e a feminilidade. É importante frisar as diferenças de gênero e sexo para se entender as diferenças entre homens e mulheres no convívio social.

Alguns autores para explicar as diferenças entre homens e mulheres se utilizam da biologia para fundamentar as suas teorias. Para eles as diferenças emergem do

próprio corpo no conjunto de cromossomos, hormônios e órgãos. Eles alegam que estas diferenças entre homens e mulheres são inatas do sexo. GIDDENS (2007) salienta que não existe nenhuma evidência destes possíveis mecanismos que ligariam as forças biológicas com os comportamentos sociais demonstrados pelos indivíduos. Podemos inferir com isto que estas pesquisas negam a função vital da integração social que mudam o comportamento humano.

Neste artigo iremos indagar como as diferenças entre homens e mulheres são formadas. Na tentativa de responder esta questão, trataremos as correntes de gênero como o essencialismo que afirma o inatismo do comportamento de gênero. A outra perspectiva é o construcionismo social, que distingue o sexo biológico e gênero social. O primeiro nascemos com ele, e o segundo se modela com o decorrer da vida de acordo com as relações sociais.

1- Teorias de gênero

No âmbito das discussões de gênero existem duas principais perspectivas que orientam a pesquisa sobre o assunto. A primeira delas que vamos tratar é o essencialismo, ou seja, a tendência que entende que a sexualidade é um fenômeno natural e que por isto sofre implicações da evolução biológica. Dentro desta temos Freud e Chodorow que apresentam a idéia de que as diferenças de gênero são formuladas pelo inconsciente durante os primeiros anos da criança.

Freud foi o primeiro a desenvolver explicações sobre a diferença entre homens e mulheres. Para ele os órgãos sexuais masculinos e femininos eram responsáveis pela diferença nos papéis sociais dos sexos. Ele desenvolveu uma teoria em que a criança por volta dos quatro ou cinco anos reconheceria os seus órgãos sexuais. E com isto passaria a ter desejo sexual pelo pai ou pela mãe. Amaria um e desprezaria o outro. É nesta fase que a criança começa a reprimir o desejo sexual e assume uma identidade sexual com o espelho de seus pais. Neste período a menina por ter “inveja” do pênis do pai e por perceber que inconscientemente não poderia ter, ela coloca-se numa posição de submissão ao homem. É assim que Freud justifica a inferioridade da mulher na sociedade. Quando a mulher amadurece, ela transfere o seu desejo de ter um pênis pelo

o de ter um filho. Enfim, é a anatomia e o reconhecimento desta que é o responsável pela diferença de gênero.

Chodorow é outra autora essencialista, ela também acredita que a diferença de gênero ocorre quando criança na relação delas com os seus pais. Mas ao contrário de Freud ela enfoca mais a mãe. A ruptura ocorre quando a criança tem que romper com a intensa relação que possui com a mãe. Meninos e meninas têm rupturas de formas diferentes, por isto que o resultado é diferente.

O essencialismo afirma que existem características universais da evolução da nossa personalidade e que contribuem para a sobrevivência dos indivíduos. (BRYM, 2006) Estas características seriam a competição e a agressividade masculinas e a sensualidade e a maternidade feminina.

A crítica ao essencialismo de eles acharem que apenas o natural influencia na sexualidade cria outra corrente a do construcionismo social. Esta é um caminho oposto, o construcionismo social afirma que a sexualidade é aprendida com as redes de relações sociais que rodeiam o indivíduo, como a família, a escola e a mídia.

WEEKS (1999) afirma que as definições e comportamentos sexuais não são resultados de uma evolução natural e sim produto da modelação no interior das relações definidas de poder. Ele trabalha com Foucault que é um dos mais influentes teóricos da abordagem do construcionismo social. Foucault elenca uma crítica a tradicional teorização sexual que defende que a “história” da sexualidade foi/é marcada pela repressão. Em relação a isto ele assegura que a sexualidade deve ser encarada como um dispositivo histórico. E também, porque ela está envolvida nos modos pelos quais o poder atua na sociedade.

O autor ainda cita Vance, que discute que o termo construção social é usado com muitos sentidos. Para ele a análise da sexualidade deve se lembrar como a sexualidade se constrói culturalmente, e que existem sentidos diferentes para atividades sexuais semelhantes. A teoria construcionista afirma ainda que o desejo também é uma construção social, e não uma “energia sexual” que emerge do corpo ativando o fisiológico.

Na sexualidade a classe também atua como modelador decisivo na escolha da atividade sexual. Segundo FOUCALT (apud WEEKS,1998) o termo sexualidade foi

criação dos burgueses para se contrapôs as classes inferiores que possuíam como irrestrita a imoralidade e a promiscuidade. Deste modo a sexualidade é vivida e entendida de forma diferente pelas classes.

Outro fator que decide a forma de exercer a sexualidade está relacionado ao gênero. As diferenças entre homens e mulheres provocam escolhas de determinados parceiros (as) e o modo como a sexualidade será exercida. A diferença de gênero “impõe” a sexualidade moderna uma inferioridade do corpo da mulher em relação ao do homem. Ela seria o corpo do homem invertido.

2- Mídia e escola

Hoje vivemos a era da informação. A televisão ocupa um lugar central na vida do jovem. Beleza, sexualidade, consumo entre outras, fazem parte das categorias nas quais a mídia como um todo influencia no comportamento humano.

A mídia segundo RUTH SABAT (2003) além de propor uma “educação” que foge do tradicionalismo da educação regular, educa enquanto diverte, ou seja, coerge o individuo seduzindo-o pelo atrativo de lazer. Durante as transmissões a mídia apresenta-nos conceitos, mas ao mesmo tempo produz pré-conceitos.

SILVA (2003) salienta que a problemática que existe entre professor-aluno emerge da hipótese de que os professores desconhecem os problemas e o mundo social do jovem e ao mesmo tempo possui uma resistência a cultura juvenil. Segundo ela, o desnexo das relações ocorre porque os professores não querem falar a mesma linguagem do aluno.

A relação entre mídia e escola que é tratada por esta autora, é uma relação complexa, pois são espaços educativos distintos. A escola procura formar cidadãos e a mídia é mais voltada para o consumo. Juventude e sexualidade são duas categorias sociais exploradas por ela, elas são centrais na vida do individuo e são indissociáveis uma da outra. A mídia trata a sexualidade de forma mais aberta, enquanto a escola tenta reprimir alguns aspectos da sexualidade.

Muitos professores ainda tratam a sexualidade e principalmente o sexo, como algo feio, um tabu, que não pode ser falado e nem discutido. Esta postura acarreta

modificações, conceitos e pré-conceitos na personalidade sexual dos indivíduos. Os professores assim como a mídia são formadores de opinião. E com isto devem formar indivíduos críticos e não reprimidos, capazes de dialogar com as mais diversas áreas do mundo social. Esta postura repressiva por parte da escola leva os adolescentes a buscarem informações entre eles próprios e entre os meios de informações que nem sempre são os melhores e os mais corretos para fornecerem informações.

Relacionando a educação sexual, a escola deveria ocupar um papel primordial na vida do adolescente juntamente com sua família. Pois com a dinâmica de informações do mundo atual, a mídia oferece informações de variados tipos e numa velocidade intensa e nem sempre o adolescente está preparado para administrar estas informações principalmente no que diz respeito à sexualidade.

A educação sexual prepara as pessoas para acolher as suas surpresas sem culpa, levando o indivíduo a entenderem a complexidade da variedade sexual. SABAT (2003) aponta que a educação é um dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual. Seria válido para a educação sexual que a escola mantivesse um vínculo de comunicação com a mídia e outros meios de comunicação. Pois ela é um espaço de relações sociais que engloba a relação entre os jovens e entre eles e o mundo lá fora. (SILVA, 2003)

A escola nega outras sexualidades ou pelo menos tenta corrigir-las. Diante do homossexualismo cada vez mais crescente, e ao mesmo tempo com a postura repressora da escola e da religião, como fica o psicológico dos jovens e adolescentes que querem viver uma relação homoafetiva? Como uma constituição que teoricamente promove o conhecimento e a formação do indivíduo, a escola deveria estar vinculada com outros locais sociais e culturais. GOELLENER (2003) discute o currículo escolar e salienta que ele é voltado para uma postura heterossexual.

Para muitos alunos a escola é o único lugar de lazer. O estudante que se encontra fora da escola é o mesmo dentro dela, ou seja, eles esperam das aulas a mesma “diversão” que o seduz para o aprendizado. Deste modo, a escola assume o significado oposto para professores e alunos. Para o primeiro grupo, é um lugar de aprender, de deveres e de comportamento sério. Para os estudantes é um lugar de lazer, de encontrar amigos namorar etc. Professores não entendem alunos, que também não entendem professores.

3- Considerações finais

Bem como vimos a nossa sexualidade é construída mediante o nosso convívio social. Amigos, família, professores, televisão entre outros. Estão a todo o momento nos ensinando a como devemos nos comportar. É uma pena que na maioria destes campos de relações estejam imbuídos de valores repressivos a nossa sexualidade. Nascemos com órgãos sexuais masculinos ou femininos mais é durante o nosso desenvolvimento que decidiremos se vamos adotar uma postura de feminilidade ou masculinidade. Ou pelo menos deveria ser assim.

Sabemos que a família moderna ocupa uma papel primordial socialização e na formação da identidade do individuo. Ela é o primeiro contato que temos e que nos prepara para o contato com os outros grupos de relações sociais. A formação familiar é ainda hoje uma ação muito forte para a formação da sexualidade do individuo. Dentro da família somos aquilo que os outros esperam de nós. Desde pequenos aprendemos a corresponder com os papéis que os nossos familiares esperam de nos.

Dentro das discussões de gênero temos muito ainda o que avançarmos a respeito das diferenças entre sexo e gênero. Diferenças são apenas diferenças, isto não que dizer que um seja superior ao outro. Família, mídia, escola, entre outros deveriam caminhar para esta conscientização das diferenças entre os indivíduos. Pois afinal de contas: todos somos humanos e dividimos o mesmo espaço.

4- Referencias Bibliográficas

Meyer, Dagmar Estermann. Gênero é educação: teoria e política. In: Louro, Guacira Lopes. Corpo, gênero e sexualidade. São Paulo: Editoras vozes, 2003

Goellner, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: Louro, Guacira Lopes. Corpo, gênero e sexualidade. São Paulo: Editoras vozes, 2003

SILVA, Rosimere Aquimo & SOARES Rosangela. Juventude, escola e mídia. In: Louro, Guacira Lopes. Corpo, gênero e sexualidade. São Paulo: Editoras vozes, 2003

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade. In: Louro, Guacira Lopes. Corpo, gênero e sexualidade. São Paulo: Editoras vozes, 2003

SABAT, Ruth. Gênero e sexualidade para o consumo. In: louro, Guacira Lopes. Corpo, gênero e sexualidade. São Paulo: Editoras vozes, 2003

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (org) o corpo educado: pedagogias da sexualidade, Belo Horizonte: Sutenticas, 1999

FUCS, Gilda Bacal. Sexo sem vergonha. São Paulo: editora Gente, 1998.

GIDDENS, Anthony. Tradução Sandra Regina. 4ª Ed. Sociologia. (Cap.6) Porto Alegre: Art met, 2005. Reimpressão, 2007

BRYM, Robert (org) 1ª Ed. Sociologia: sua busca para um novo mundo. (cap.8) São Paulo: Thompson Learning, 2006.